

OENSINO DA GEOGRAFIA PARA ALÉM DA FRAGMENTAÇÃO INTRADISCIPLINAR

LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA MÁS ALLÁ DE LA FRAGMENTACIÓN INTRADISCIPLINARIA

THE TEACHING OF GEOGRAPHY BEYOND INTRA-DISCIPLINARY FRAGMENTATION

Apresentação: Comunicação Oral

Autor Ana Paula Torres de Queiroz¹

DOI :<https://doi.org/10.31692/2526-7701.XICOINTERPDVL.0527>

RESUMO

O estudo tem por objetivo analisar as práticas de ensino no estágio supervisionado, numa perspectiva de articulação dos conteúdos geográficos físicos e humanos. A ampliação do conhecimento geográfico e o desejo de especialização por parte de alguns geógrafos, fez com que a partir da primeira metade do século XX, a geografia perdesse parte de sua unidade, se dividisse em dois grupos: Físico e humano, resultando em uma fragmentação intradisciplinar. Por se tratar de uma ciência síntese, a análise geográfica deve ocorrer de forma articulada, correlacionando fatores físicos e humanos. Como questão orientadora do trabalho fizemos a seguinte pergunta: É possível superar a fragmentação do ensino da geografia durante a prática do estágio supervisionado? Para responder a esse questionamento, realizamos uma pesquisa com estagiários do curso de Licenciatura em Geografia, do Instituto Federal de Pernambuco, *campus* Recife que responderam a uma entrevista semiestruturada. Recorremos a técnica de análise de conteúdo temático proposta por Bardin (1979), para análise dos dados. Diante das discussões, acreditamos que é possível superar a fragmentação no ensino da geografia, fazendo a articulação a partir da realidade e contexto do aluno, ou até mesmo promovendo a articulação por meio da utilização de recursos pedagógicos. Sendo, portanto, a integração e articulação dos saberes geográficos algo essencial para o avanço da disciplina. Outro ponto que deve ser mencionado, é a importância do estágio supervisionado como campo de pesquisa; possibilitando a investigação do tema, em um contexto de diálogo e experimentação de ideias. Os estagiários como grupo alvo da pesquisa foram importantes para avaliar as dificuldades enfrentadas pelos futuros professores, além de trazer contribuições para a formação dos mesmos. A pesquisa contribuiu para a reflexão das práticas de ensino, de forma a superar a fragmentação; levantando questões relevantes para que possamos repensar a geografia escolar numa perspectiva mais integradora.

Palavras-Chave: Ensino, Geografia, Estágio Supervisionado, integração dos conteúdos.

¹ Ana Paula Torres de Queiroz, professora doutoranda, Curso de Licenciatura em Geografia, Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, ana.queiroz@recife.ifpe.edu.br

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo analizar las prácticas de enseñanza durante el período de prácticas supervisadas, enfocándose en la integración de los contenidos geográficos físicos y humanos. La expansión del conocimiento geográfico y el deseo de especialización por parte de algunos geógrafos llevaron, desde la primera mitad del siglo XX, a una pérdida de unidad en la geografía, dividiéndola en dos grupos: físico y humano, resultando en una fragmentación intradisciplinaria. Como ciencia sintética, el análisis geográfico debe realizarse de manera articulada, correlacionando factores físicos y humanos. La pregunta orientadora de este trabajo es: ¿Es

posible superar la fragmentación de la enseñanza de la geografía durante la práctica de las prácticas supervisadas? Para responder a esta pregunta, realizamos una investigación con estudiantes en prácticas del curso de Licenciatura en Geografía del Instituto Federal de Pernambuco, campus Recife, quienes participaron en una entrevista semiestructurada. Utilizamos la técnica de análisis de contenido temático propuesta por Bardin (1979) para analizar los datos. A partir de las discusiones, creemos que es posible superar la fragmentación en la enseñanza de la geografía integrándola a la realidad y el contexto de los estudiantes, o incluso promoviendo la integración a través del uso de recursos pedagógicos. Por lo tanto, la integración y articulación de los saberes geográficos es esencial para el avance de la disciplina. Otro punto importante a mencionar es la significancia de las prácticas supervisadas como campo de investigación, permitiendo la indagación del tema en un contexto de diálogo y experimentación de ideas. Los estudiantes en prácticas, como grupo objetivo de la investigación, fueron cruciales para evaluar los desafíos que enfrentan los futuros docentes y para brindar aportes a su formación. La investigación contribuyó a la reflexión sobre las prácticas de enseñanza, con el fin de superar la fragmentación; planteando cuestiones relevantes para repensar la geografía escolar desde una perspectiva más integradora.

Palabras clave: Enseñanza, Geografía, Prácticas Supervisadas, integración de contenidos.

ABSTRACT

The study aims to analyze teaching practices during supervised internships, focusing on the integration of physical and human geographic content. The expansion of geographic knowledge and the desire for specialization among some geographers led, from the first half of the 20th century, to a loss of unity in geography, dividing it into two groups: physical and human, resulting in intra-disciplinary fragmentation. As a synthetic science, geographic analysis should be conducted in an integrated manner, correlating physical and human factors. The guiding question for this work is: Is it possible to overcome the fragmentation of geography teaching during the supervised internship practice? To answer this question, we conducted research with interns from the Geography Teaching degree at the Federal Institute of Pernambuco, Recife campus, who participated in a semi-structured interview. We employed the thematic content analysis technique proposed by Bardin (1979) to analyze the data. Based on the discussions, we believe it is possible to overcome fragmentation in geography teaching by integrating it with the reality and context of the students or even by promoting integration through the use of pedagogical resources. Therefore, the integration and articulation of geographic knowledge is essential for the advancement of the discipline. Another important point to mention is the significance of the supervised internship as a research field, enabling the investigation of the theme in a context of dialogue and idea experimentation. The interns, as the target group of the research, were crucial for assessing the challenges faced by future teachers and for providing contributions to their training. The research contributed to reflecting on teaching practices in order to overcome fragmentation, raising relevant questions for rethinking school geography from a more integrative perspective.

Keywords: Teaching, Geography, Supervised Internship, integration of content.

INTRODUÇÃO

Ainda hoje no âmbito escolar, apesar de tantas propostas inovadoras de ensino, é possível perceber fortes traços de uma educação conteudista, tradicional e comportamentalista (Mizukami, 1986). Trata-se de um modelo formal e engessado, que coloca o professor no centro do processo de ensino, ao mesmo tempo que diminui o papel do aluno, a mero replicante de conteúdo. Além disso, nesta abordagem é comum a esquematização dos conteúdos em blocos, de forma fragmentada e sem articulação.

Segundo Santos (2008), a partir da revolução científica do século XVI, com o advento da ciência moderna, essa fragmentação teve início e foi sendo ampliada nos séculos seguintes. Este paradigma adentrou às ciências por meio da corrente positivista, segundo a qual a natureza passa a ser vista como algo a ser utilizado pelo homem. Nessa mesma direção, Hartshorne (1936) cunha o termo “natureza menos o homem”, em que existe uma independência entre ambos e, conseqüentemente, poderiam ser analisados de modo separado. Para a geografia, as conseqüências foram evidentes, pois nesse campo o humano e o natural se relacionavam de maneira mais próxima. Em decorrência disso, a geografia foi desenvolvendo especializações, em que os pesquisadores se aprofundam no estudo exaustivo de pequenos fenômenos. Com o advento da renovação da geografia, gerou uma inversão desse entendimento, com maior valorização do humano em detrimento do elemento natural. Suetergaray e Nunes (2001) advogam por uma nova forma de aprender os fenômenos naturais, onde não exista uma ordem de importância entre eles.

Essa separação dentro da ciência geográfica é observada até os dias de hoje, que por sua vez, pode dificultar seu aprendizado. Alguns professores argumentam que todo conhecimento está integrado (aspectos físicos, humanos e econômicos), porém, como o objeto de estudo da geografia é muito amplo, é preciso abordar seu conteúdo de forma fragmentada.

É importante ressaltar que todas as dimensões de análise da geografia estão integradas, pois a mesma é tida com uma ciência de síntese (Moraes, 1983). Sendo assim, a análise geográfica deve ocorrer de forma articulada, correlacionando fatores físicos e humanos, tratando-se de um erro, portanto, seu estudo de forma fragmentada. Os aspectos humanos não podem ser interpretados separadamente dos aspectos físicos:

Analisar ou trabalhar somente os fenômenos sociais esquecendo o espaço físico sobre o qual eles se desenvolvem é tão incompleto do ponto de vista geográfico, quanto analisar ou trabalhar o quadro físico de um lugar sem considerar as ações e relações humanas em seu contexto. (Mendonça, 2008, p.67)

Já que todas as dimensões de análise da geografia estão integradas, não seria, portanto, mais coerente uma abordagem ampla e articulada da disciplina? Pois, o ensino fragmentado e pouco integrado prejudicou o aprendizado dos discentes, formando alunos que têm dificuldades de correlacionar aspectos físicos, humanos e econômicos. Essa divisão é percebida de forma ainda mais nítida, nos conteúdos dos livros didáticos do ensino médio, onde os conteúdos de geografia física, são abordados nos livros do primeiro ano, os conteúdos de geografia humana, nos livros do segundo ano e os conteúdos de geografia econômica nos livros do terceiro ano.

Diante de tudo que foi discutido acima, o artigo tem como objetivo: Analisar as práticas de ensino no estágio supervisionado numa perspectiva de articulação dos conteúdos geográficos. Para tanto, partimos da seguinte problemática: É possível superar a fragmentação do ensino da geografia durante a prática do estágio supervisionado? Sendo o estágio um momento importante na formação do licenciando, garantindo-o a oportunidade de vivenciar o trabalho docente (Pimanta e Lima, 2004), esse momento é oportuno para buscar uma maior articulação dos saberes geográficos e consequentemente a superação da dicotomia físico-humana.

Este estudo enquadra-se numa abordagem qualitativa, que visa explicar a inter-relação dinâmica entre sujeitos e fenômenos. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada com 6 (seis) estudantes estagiário do curso de Licenciatura em Geografia. Para a construção e análise dos dados, tomamos como norte a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1979).

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir de maneira significativa para a reflexão das práticas de ensino, de forma a superar a fragmentação; levantando questões relevantes para que possamos repensar a geografia escolar numa perspectiva mais integradora.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Não é novidade que os conteúdos referentes a ciência geográfica são vistos na geografia escolar de modo fragmentado, principalmente em dois campos: geografia física e humana. Essa dicotomia intradisciplinar fica bastante evidente se analisarmos, por exemplo, a distribuição dos conteúdos nos livros didáticos do ensino médio. Entendemos que esta fragmentação dificulta o que Straforini (2018), chama a atenção para a importância do ensino de Geografia no que concerne à formação, por parte do aluno, de uma leitura reflexiva e cidadã do mundo

contemporâneo com base na espacialidade dos fenômenos, pois a compreensão das relações espaciais como um todo é prejudicada. Castellar e Paula (2020) compreendem que tendo em vista a criticidade e autonomia do aluno, a vida não pode ser entendida sem a Geografia e o raciocínio geográfico que cria possibilidade de se analisar os fatos, processos e fenômenos. No entanto, como desenvolver a criticidade dos estudantes por meio de conteúdos que não se relacionam? Para Amorim (2012), a Geografia necessita de uma perspectiva sistêmica e holística para que a totalidade supere o paradigma fragmentário. Talvez, sob o ponto de vista pedagógico seja mais fácil a abordagem dos conteúdos da geografia física e humana separadamente, para que os principais conceitos possam ser aprofundados. No entanto, é importante que em um segundo momento, possam-se costurar as partes e estabelecer inter relações entre elas. Santos (2021), é um outro autor que também defende que não haja essa separação entre físico e humano. Pois :a geografia física não podia existir antes do homem. Não há geografia física que não seja uma parte da geografia humana. O que há, na verdade, é uma geografia do homem, que podemos subdividir em geografia física e humana (Santos, 2021,p.98). Do que estamos compreendendo, a divisão entre os campos da geografia existe em sala de aula, mas não existem duas geografias opostas.

Diante do que podemos observar a fragmentação dos conteúdos entre geografia física e humana reflete na atuação dos professores em sala de aula e, tem impacto no desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes, uma vez que os conteúdos apresentados isoladamente, como não tivessem interligados na vida, os estudantes perdem a oportunidade de compreender a complexidade dos problemas que envolvem o homem e a natureza atuando um sobre o outro. O mesmo se dá com os futuros professores nos seus campos de estágio. A dicotomia intradisciplinar dificulta a compreensão de uma abordagem geográfica integrada. Em contraponto, Freire (2017), propõe uma pedagogia libertadora, onde o estudante é visto como um sujeito que questiona, reflete e é capaz de interagir com o conhecimento, pois ao adentrar à escola, traz consigo o seu conhecimento de mundo e vivências.

Mizukami (1994) é outra autora que critica o modelo linear e fragmentado de ensino. Analisa o assunto pelo viés do paradigma da complexidade, onde entende que o conhecimento é dinâmico, interconectado com diferentes áreas do saber e complexo, e o processo ensino-aprendizagem envolve a construção do saber de modo coletivo e contextualizado. Sendo assim, os estudantes têm um papel ativo, trazendo o seu conhecimento de mundo e suas experiências para a aula.

Sobre o estágio durante a formação de professores, é um momento de articulação entre a teoria e a prática e de se pensar e pesquisar sobre elas. Se o modelo de ensino nas universidades é o fragmentário e ao chegar na chão da escola o estagiário se depara também com a dicotomia intradisciplinar, pode ocorrer o que Pimenta e Garrido, na obra *Estágio e docência* (2012), ao discutirem sobre as diferentes concepções de estágio destacam *a prática como imitação de*

modelos: a prática se dá a partir de imitações de modelos, reproduções e às vezes reelaborações de exemplos existentes considerando as práticas dos bons professores. O que torna cada vez mais longe a ideia de um ensino de geografia pautado na compreensão das relações entre homem e natureza de modo holístico.

METODOLOGIA

Essa pesquisa foi desenvolvida em um caráter de estudo qualitativo, isto é, utilizando métodos e técnicas que valorizam a interação dinâmica entre sujeito e fenômeno, pautando-se em uma abordagem mais subjetiva (Minayo, 2009). Iniciamos o estudo por meio de um levantamento bibliográfico de artigos e livros que tratam sobre o tema da pesquisa. Como estratégias de escolha dos artigos, realizamos pesquisa por palavras chaves, leitura de resumos, conclusões dos textos selecionados e levantamento de referências cruzadas. Dando continuidade, selecionamos o material lido, fizemos seu fichamento e o utilizamos na elaboração da fundamentação teórica e no desenvolvimento do instrumento de coleta de dados.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada. O campo de pesquisa se deu nas escolas parceiras, campo de estágio dos estudantes do curso de Licenciatura em Geografia, do Instituto Federal de Pernambuco, *campus* Recife. Os participantes foram os estudantes estagiários, matriculados no componente curricular Estágio Supervisionado. Para realização da pesquisa foram selecionados 6 estudantes. Por questão de ética foram mantidos em sigilo seus nomes. Para facilitar a compreensão da entrevista, utilizamos a letra “E” como nomenclatura, fazendo referência aos estudantes. Sendo estudante1: E1, estudante2: E2, estudante 3: E3, e assim por diante.

Para a construção e análise dos dados, recorreremos a técnica de análise de conteúdo temático proposta por Bardin (1979.) Segundo a autora, a análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos, os objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. Fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de investigar a possibilidade de superação da dicotomia físico-humana, por meio de uma abordagem mais integrada dos saberes geográficos, realizamos entrevistas analisadas abaixo.

Pergunta 1. O objeto de estudo da geografia é muito amplo, alega-se que para facilitar seu estudo, seu conteúdo é abordado de forma fragmentada (conteúdos de geografia física e humana). Na sua opinião, é possível uma abordagem onde esses conteúdos sejam trabalhados de forma mais articulada?

As respostas de quatro dos entrevistados (estudantes E2, E4, E5 e E6) foram semelhantes. Destacaram que sim, é possível; pois segundo eles a geografia é uma ciência de síntese. Os dois ramos se entrelaçam em vários fenômenos e processos, agindo de forma integrada. Portanto, seria interessante abordar de forma conjunta aspectos físicos e humanos da paisagem, demonstrando em aula, como o meio físico repercute sobre os elementos socioculturais e vice-versa.

Os estudantes E1 e E3 deram respostas diferentes, porém ricas em conteúdo. O estudante E1 destacou: “Sim, além de toda abordagem teórica na sala de aula, é necessário colocar o estudante no centro da problemática, para assim construir o entendimento dando sentido as coisas.”

De acordo com o depoimento do estudante E1, podemos concluir que o mesmo defende, que para haver uma articulação é necessário que o conhecimento se desenvolva a

partir da realidade do aluno. Em suas palavras: “é necessário colocar o estudante no centro da problemática”. Tal depoimento dialoga bem com a abordagem sociocultural, cujo principal representante no Brasil é Paulo Freire (Mizukami, 1994). Segundo essa abordagem o homem é o centro do processo educativo:

“Toda ação educativa, para que seja válida deve, necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque. O homem se torna, nessa abordagem, o sujeito da educação.” (Mizukami, 1986, p.94).

Por sua vez, destaca o estudante E3:

“Sim, eu acredito que seja possível e seria bastante interessante. Porém, penso que seria uma tarefa difícil de se fazer pois as fragmentações que existem são um meio acadêmico de melhor dominar determinada área do conhecimento.”

Tendemos a concordar com o comentário acima exposto, no entanto, queremos acrescentar que a fragmentação pode ser facilmente superada, por meio de uma visão mais global da geografia - ao mesmo tempo física e humana. Para que isso ocorra é preciso que mesmo após a especialização, guardemos contato com os demais ramos da ciência geográfica e tenhamos as mesmas preocupações epistemológicas:

[...]Embora haja dificuldade, parece necessário manter o princípio da geografia global, ao mesmo tempo física e humana, encarregada de dar conta da complexidade das interações na superfície do globo entre os fenômenos que dependem das ciências da matéria, da vida e da sociedade. Bem entendido, este princípio de uma Geografia global não exclui absolutamente que, alguns geógrafos se especializem nos estudos dos aspectos espaciais dos fenômenos humanos, e outros, na análise das combinações espaciais dos fenômenos físicos. É indispensável, porém, que uns e outros guardem contatos suficientes entre si, tenham preocupações epistemológicas comuns e aqueles que são mais engajados na ação ocupem-se do emaranhado nesta ou naquela porção do espaço dos diversos fenômenos humanos. Isto não é somente dos interesses deles, dos geógrafos; é definitivamente do interesse de todos os cidadãos (Lacoste, 1985, apud Mendonça, 2001, p.67)

Pergunta 2. Como se daria essa articulação, de que forma o professor, em especial o estagiário (professor em formação), poderia unir essas duas abordagens da geografia?

Os entrevistados foram unânimes em argumentar, que a articulação entre as duas abordagens pode ser feita, explicando como os elementos físicos e humanos da paisagem

interagem entre si. Segundo eles, isso deve ser feito a partir do contexto do aluno, tomando a vivência do cotidiano como base.

Um dos entrevistados (estudante E2), deu um exemplo de como seria essa problematização em sala de aula. Mencionou os deslizamentos de barreira, na Região Metropolitana do Recife (RMR), no qual para explicar esse fenômeno, o professor correlacionaria os aspectos físicos (deslizamento vertical de massa, queda de barreiras), com o aspecto humano da paisagem. (ocupação irregular da cidade, de encostas e de morros).

Os estudantes E1 e E3 também se destacaram:

Estudante E1: “Fazendo leituras, aulas mais dinâmicas, promover aulas de campo, ou ao menos, fazer com que o aluno relate suas próprias experiências.”

O Estudante E1 ressaltou a necessidade de fazer uso de recursos pedagógicos, para desenvolver a articulação, e assim elaborar aulas mais dinâmicas.

O Estudante E1, ao defender o uso de textos e aulas de campo, para promover aulas mais dinâmicas, está sugerindo no fim das contas, o uso de recursos didáticos. O uso de recursos como mapas, cartazes, textos e principalmente as aulas de campo, são ótimas oportunidades para desenvolver a ideia de “cultura científica” na educação, questão defendida por Carvalho (2010). Segundo ele, não basta acumular conhecimento sobre algo, é preciso entender como esse conhecimento foi construído e apreender sua linguagem. Trata-se do fazer ciência e do falar ciência. (Carvalho, 2010).

Estudante E3: “Acredito que precisaríamos planejar uma sequência de ensino em que a articulação entre o natural e o social sejam equitativamente analisados. Para isso o estagiário precisaria de espaço e tempos aulas para a execução dessa atividade” (...)

Sobre a resposta do Estudante E3, é preciso acrescentar. Sendo o estágio um momento indispensável na formação do professor, pois é onde se desenvolve a prática do ensino. Superando a dicotomia teórico-prática, vendo o estágio como atividade teórica instrumentalizada da prática docente (Pimenta e Lima, 2005); ou seja, como uma extensão da atividade teórica desenvolvida em sala de aula. É nesse contexto que se deve testar a

articulação dos saberes geográficos, pois nessa visão, o estágio também é um campo de pesquisa, que possibilita o planejamento e a execução de uma sequência de aulas.

Pergunta 3: Uma abordagem mais integradora, com maior articulação entre os dois ramos da geografia, facilitaria ou deixaria o ensino mais difícil?

Os entrevistados foram unânimes em dizer, que uma maior articulação em nada prejudicaria o ensino da disciplina, no entanto, argumentaram que essa articulação só seria benéfica se fosse algo pontual. A fragmentação e conseqüentemente a especialização, também são coisas desejáveis, pois permite o aprofundamento de determinados conteúdos. Ao desenvolver uma abordagem muito integrada, buscando uma análise geográfica que articule em conjunto saberes físicos e humanos, corre-se o risco de trabalhar os dois ramos de forma superficial, sem aprofundá-los.

Pergunta 4: Devido ao objeto de estudo da geografia ser tão amplo, seu estudo é sistematizado e fragmentado. Na sua opinião essa fragmentação é prejudicial ao ensino?

Os estudantes E1, E3, E4, E5 e E6, disseram acreditar que a fragmentação não é algo prejudicial ao ensino, mas na verdade, um meio de aprofundar os assuntos, dividindo-os e estudando-os de forma separada. É interessante lembrar, que a fragmentação ocorreu devido a perda de unidade da geografia, por meio da especialização de geógrafos em áreas diversas.

Embora as respostas tenham sido parecidas, houve uma que se destacou:

Estudante E2: “estudar isoladamente sem deixar claro que tem implicações em outras áreas pode comprometer a compreensão do conjunto. Mas se deixarmos claro que esta fragmentação atende aos preceitos científicos, mas que deve ser contextualizada e em alguns momentos a compor o todo para ter significado, não vejo problema.”

Na visão da estudante E2, a fragmentação não compromete o ensino, todavia, os assuntos devem ser apresentados como parte de um todo, contextualizado com as demais áreas. Sobre a fragmentação, é bom lembrar algo já mencionado anteriormente: o ensino fragmentado, com pouca ou nenhuma articulação, remete muito ao modelo de ensino tradicional e conteudista. Nessa abordagem a inteligência é tida apenas como a capacidade

de acumular e armazenar informações. (Mizukami, 1986); por isso sua exposição de forma fragmentada e sistematizada em blocos.

Pergunta 5: Na sua opinião, é possível superar a fragmentação entre a geografia físico e humana? Isso seria benéfico ao ensino da ciência geográfica?

Cinco entre os 6 entrevistados foram unânimes em afirmar, que a superação da fragmentação é algo sim possível, e ao mesmo tempo algo benéfico, pois proporcionaria um enriquecimento do saber geográfico. Além de possibilitar o desenvolvimento do conhecimento a partir da realidade do aluno. É consenso entre os entrevistados, que a articulação não deve ficar restrita a maior integração dos ramos físicos e humanos da ciência geográfica, mas também deve ocorrer entre o conhecimento e o contexto de vida do aluno. Sendo por tanto, a articulação desenvolvida em duas perspectivas: interdisciplinar e no contexto social. Como vimos anteriormente, esse ponto de vista – de abordagem científica a partir do contexto social - remete a abordagem sociocultural, que coloca o homem como sujeito da educação, onde a ação educativa promove o próprio indivíduo, consciente e crítico. (Mizukami, 1986).

Além disso é importante destacar, que se estamos falando em migrar para uma abordagem mais integrada da ciência geográfica, é indispensável que as formas avaliativas também mudem. É impossível a inovação no ensino, se as formas de avaliação ainda se prendem a modelos tradicionais e comportamentalista. (Andrade e Viana, 2012)

O estudante E3, no entanto, deu uma resposta diferente dos demais. Em suas palavras:

“Não acredito que seja possível pois a fragmentação não é necessariamente um coisa ruim. As ciências avançam em seu processo de desenvolvimento a partir da capacidade de análise dos fenômenos, e sendo humanamente impossível dominar a ciência como um todo, creio que as especialidades sejam importantes para o melhor aprofundamento nos diversos ramos da ciência geográfica.”

O estudante E3 acredita não ser possível superar por completo a fragmentação, no entanto, em momentos anteriores da entrevista (questões 1, 2 e 3) concordou ser

necessário uma maior articulação. Sua preocupação se fundamenta em algo já mencionado anteriormente na questão 3, de que ao desenvolver uma abordagem mais integrada, buscando uma análise geográfica que articule em conjunto saberes físicos e humanos, corre-se o risco de trabalhar os dois ramos de forma superficial, sem aprofundá-los”.

Tal preocupação é legítima e também foi externada pelo demais participantes. Porém, é preciso ressaltar que a articulação seria de forma pontual e não total, devido o objeto de estudo da geográfica ser tão amplo. Seria praticamente impossível articular e ainda assim aprofundar cada assunto.

Diante disso, também é importante destacar, que a fragmentação da ciência geográfica é algo criticado não apenas por educadores (professores de geografia), mas também por geógrafos (doutores e pesquisadores), até mesmo os acadêmicos desejam, em algum nível, uma maior articulação e integração, cujas análises leve em conta fatores físicos, humanos e sociais:

Da tendência à especialização ao esfacelamento do conhecimento geográfico era um passo e a ocorrência desta especialização excessiva levou à quebra da unidade da Geografia. [...] esta separação em dois grandes ramos, Geografia Física e Geografia Humana, tende a ser ultrapassada com o estabelecimento de uma geografia única em que integrem o humano, o social e o físico. (Andrade, 2008, p.28)

Conclusões

Esta pesquisa foi de grande importância para discutir o ensino da geografia, pois ao mesmo tempo que investigou a possibilidade de maior articulação dos saberes geográficos, também expôs os problemas de abordagens oriundas de modelos tradicionais ainda vigentes.

A partir da questão: é possível superar a fragmentação do ensino da geografia durante a prática do estágio supervisionado? Buscou-se compreender os motivos da fragmentação, suas implicações, as dificuldades enfrentadas por professores e alunos, os obstáculos a articulação, e como uma abordagem mais integrada pode contribuir para o desenvolvimento do ensino.

Diante dos relatos e discussões acreditamos que sim, é possível superar a fragmentação no ensino da geografia. Através dos relatos do questionário de pesquisa, vemos diversas sugestões e pistas de como se daria essa maior integração entre a geografia física e humana. Alguns entrevistados sugeriram: explicar aos alunos como os elementos físicos e humanos da paisagem interagem entre si, fazer a articulação a partir da realidade e contexto do aluno, ou até mesmo promover a articulação por meio da utilização de recursos pedagógicos.

Outro fato que ficou evidente nesta pesquisa, foi que para avançarmos em direção a uma abordagem mais integrada no ensino da geografia, é preciso nos distanciarmos de modelos

tradicionais e ortodoxos de ensino, cuja abordagens são fragmentadas e conteudistas, que levam os alunos a não perceberem o quanto os assuntos, divididos por áreas e temas, estão interligados entre si.

Pelos relatos e bibliografias consultadas, é possível dizer que a articulação da geografia, mais do que é possível, é além de tudo desejada; tanto por geógrafos quanto por professores. Também que sua fragmentação deixou marcas fortes, comprometendo sua unidade, que por conseguinte repercuti no seu aprendizado. No mais, um objeto de estudo tão amplo carece de uma visão holística.

Outro ponto que deve ser mencionado, é a importância do estágio supervisionado como campo de pesquisa; possibilitando a investigação do tema, em um contexto de diálogo e experimentação de ideias. Os estagiários como grupo alvo da pesquisa foram importantes para avaliar as dificuldades enfrentadas pelos futuros professores, além de trazer contribuições para a formação dos mesmos.

Concluimos acreditando que é preciso cada vez mais inovar na abordagem de ensino, desenvolvendo meios de maior articulação dos saberes, promovendo a interdisciplinaridade dos temas estudados. Sendo, portanto, a integração e articulação dos saberes geográficos algo essencial para o avanço da disciplina.

REFERÊNCIAS

AMORIM, R. R. Um novo olhar na Geografia para os conceitos e aplicações de Geossistemas, Sistemas Antrópicos e Sistemas Ambientais. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 80-101, mar. 2012

ANDRADE, M. C. Geografia - Ciencia da Sociedade. Recife: **Universitária da UFPE** - 2º Edição. 2008

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo, Edição 70: Lisboa. 1997.

CARVALHO, A. M. As condições de diálogo entre professor e formador para um ensino que promova a enculturação científica dos alunos. Em J. D. A. Dalben, **Convergência e Tensões no Campo do Trabalho Docente** (pp. 281–300). Belo Horizonte: Autêntica. 2010

CASTELLAR, S. M. V. PAULA, I. R. de. O papel do pensamento espacial na construção do raciocínio geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 294-322, jan./jun. 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.922> >. Acesso em: 07 jun. 2024

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo, Hucitec (trad.1966), 1936

MENDONÇA, F. **Geografia física: ciencia humana ?** São Paulo: Contexto - 4º Edição. 1996

MINAYO, M. C. **Pesquisa social - Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda. 1994.

MORAES, A. C. **Geografia - Pequena História Crítica**. São Paulo: Annablume - 20º Edição. 2007.

MIZUKAMI, M. d. **Ensino: As abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária Ltda. 1986

NUNES, J. O. R.; SUETERGARAY, D. M. A. **A Natureza da Geografia Física na Geografia**. São Paulo: Terra Livre - AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros. N. 17, p. 11 – 24. 2º semestre/ 2001.

PIMENTA, S. G., & LIMA, M. S. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24. 2005.



XI Congresso Internacional *das Licenciaturas*

SANTOS, M. A questão do meio ambiente: desafios para a construção de uma perspectiva transdisciplinar. **GeoTextos**, vol. 1, n. 1, Pg.139-151. 2005.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ea/a/kRrXfwBFZLLDtKqNRmgRHpH/?lang=pt> >. Acesso em: 07 Set. 2024.

